

ABSTRATIZAÇÃO DE [TENER QUE + V-INF] NA HISTÓRIA DO ESPAÑHOL PENINSULAR

ABSTRACTIZATION OF [TENER QUE + V-INF] IN HISTORY OF THE PENINSULAR SPANISH

Ana Luiza Ferancini Nogueira¹
Sandra Denise Gasparini-Bastos²
Sebastião Carlos Leite Gonçalves³

RESUMO: Neste trabalho, analisamos o desenvolvimento diacrônico dos significados modais da construção perifrástica [*tener que* + *V-infinitivo*] no espanhol peninsular. Recorremos aos pressupostos teórico-metodológicos da gramaticalização clássica (HOPPER; TRAUGOTT, 2003) e buscamos comprovação para a hipótese de mudança que prevê que, no domínio da modalidade, valores epistêmicos, por serem mais abstratos, emergem na língua a partir de valores não-epistêmicos (BYBEE *et al.*, 1994). Para tanto, analisamos dados diacrônicos dos séculos XIII ao XIX, disponíveis na plataforma CORDE (*Corpus Diacrónico del Español*), considerando, na análise da perífrase, o *domínio semântico de modalidade* (inerente, deontico, epistêmico e volitivo) e a *orientação do valor modal* (para o participante, para o evento e para proposição) (HENGEVELD, 2004), correlacionados à *animacidade do sujeito* da construção modal. Os resultados das análises mostram que a expressão de valores epistêmicos é, de fato, temporalmente mais tardia que a dos valores não-epistêmicos e emerge na construção associada a sujeitos inanimados. Com base nos resultados, comprovamos que os valores modais da perífrase seguem um processo de abstratização diacronicamente atestado.

PALAVRAS-CHAVE: Diacronia; Espanhol peninsular; Perífrase modal; Tener que.

ABSTRACT: *In this work we analyze the diachronic development of the modal meanings of the periphrastic construction [tener que + verb-infinitive] in peninsular Spanish. We use the theoretical and methodological assumptions of classic grammaticalization (HOPPER; TRAUGOTT, 2003) and seek proof for the hypothesis of change that predicts that, in the domain of modality, epistemic values, as they are more abstract, emerge in the language from non-epistemic values (BYBEE et al., 1994). Therefore, we analyzed diachronic data from the 13th to the 19th centuries, available on the CORDE platform (Corpus Diacrónico del Español), considering, in the analysis of the periphrasis, the semantic domain of modality (inherent, deontic, epistemic*

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP); Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE). São José do Rio Preto (SP). E-mail: analuizaferancini@hotmail.com. Orcid: [0000-0003-3234-5399](https://orcid.org/0000-0003-3234-5399).

² Docente do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP); Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE). São José do Rio Preto (SP). E-mail: sandra.gasparini@unesp.br. Orcid: [0000-0001-5968-8450](https://orcid.org/0000-0001-5968-8450).

³ Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP); Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE). São José do Rio Preto (SP). E-mail: sebastiao.goncalves@unesp.br. Orcid: [0000-0002-1798-729X](https://orcid.org/0000-0002-1798-729X).

and volitional) and the orientation of the modal value (for the participant, for the event and for the proposition) (HENGEVELD, 2004), correlated to the subject's animacy of the modal construction. The results of the analysis show that the expression of epistemic values is, in fact, temporally later than that of non-epistemic values and emerges in the construction associated with inanimate subjects. Based on the results, we prove that the modal values of periphrasis follow a process of diachronically attested abstraction.

KEYWORDS: Diachrony; Peninsular Spanish; Modal periphrasis; *Tener que*.

Introdução⁴

Nogueira (2015) analisou os valores modais expressos pela perífrase [*tener que* + *V-infinitivo*] em dados do espanhol peninsular falado dos séculos XX e XXI. Neste trabalho, a autora verificou que a construção⁵ expressa, fundamentalmente, modalidades inerente e deôntica e, em número reduzido, modalidade epistêmica. Tal resultado levou à proposta de um *cline* de gramaticalidade, pressupondo que valores epistêmicos se originam de não-epistêmicos,⁶ como se observa na literatura sobre modalidade (SWEETSER, 1990; BYBEE *et al.*, 1994, dentre outros).

Em trabalho posterior, Nogueira (2019) investigou a formação da perífrase [*tener que* + *V-inf*], buscando comprovar se o *cline inerente/deôntico* > *epistêmico*, aferido para o espanhol peninsular hodierno, poderia ser atestado diacronicamente. O presente trabalho⁷ oferece um detalhamento dessa investigação, voltando-se especificamente para o fator *animacidade do sujeito*, considerado mais relevante na mudança semântica dos valores modais da perífrase em análise.

Mesmo reconhecendo que a mudança que leva à constituição de [*tener que* + *V-inf*] ocorre no contexto de uma construção mais ampla, não podemos deixar de considerar o papel que itens atomísticos, como é o caso do verbo *tener*, com mapeamento de forma e significado próprios, tem na nova construção, por permitir entender como itens lexicais adquirem funções que são específicas da construção (GISBORNE; PATTEN, 2011). Assim, no presente artigo, seguindo os princípios da gramaticalização clássica e dos estudos sobre modalidade, nosso objetivo é descrever o processo de abstratização, metaforicamente motivado, de [*tener que* + *V-inf*], sob a hipótese de que a construção segue o percurso de *não-epistêmico* > *epistêmico*, amplamente difundido na literatura.

⁴ Pesquisa financiada pela FAPESP – Processo 2016/00237-9.

⁵ Embora este trabalho tenha sua fundamentação teórica no quadro clássico da gramaticalização, usamos livremente, além do termo *perífrase*, os termos *construção* e *construção perifrástica* para fazer referência a [*tener que* + *V-inf*].

⁶ Empregamos o termo *não-epistêmico* para referência aos valores inerentes e deônticos da perífrase.

⁷ A presente investigação é fruto da Dissertação de Mestrado defendida por Nogueira (2019).

Para o alcance desse objetivo, analisamos os valores modais de *[tener que + V-inf]* em sincronias pretéritas do espanhol peninsular, representadas por textos históricos armazenados no banco de dados CORDE (*Córpus Diacrónico del Español*),⁸ assumindo, por hipótese, que o processo de abstratização é gradual e, por isso, casos interpretados como preferencialmente epistêmicos se tornam mais frequentes ao longo dos séculos, em função da associação a alguns parâmetros morfossintáticos e semânticos impulsionadores da leitura epistêmica.

Para cumprir os objetivos, este trabalho se estrutura da seguinte forma: a seção 1 destina-se à fundamentação teórica; a seção 2, aos procedimentos metodológicos e, a seção 3, à análise e discussão dos resultados; as considerações finais sintetizam os resultados alcançados, e a elas seguem as referências bibliográficas.

1 A gramaticalização e a modalidade

Hopper (1987) entende que a gramática das línguas é constituída de partes cujo estatuto é constantemente negociado na interação verbal, não podendo ser separado das estratégias de construção do discurso. Esse entendimento fundamenta a concepção mais recente de língua como sistema adaptativo complexo (BYBEE, 2010), que está sempre emergindo e, portanto, em contínua evolução e renovação. Sob tal concepção, a gramaticalização como processo de constante renovação da língua assume papel central na explicação de *por que a língua é como é*. Em sua versão clássica, a gramaticalização, como processo de recategorização, obedece a um *cline* de mudança com a seguinte configuração (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 103):

(1) [item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional]

Hopper e Traugott (2003) defendem que, na recategorização, o apagamento de traços da matriz semântica das formas lexicais é compensado por ganho de funções pragmáticas por parte da forma gramaticalizada. Cognitivamente, atuam nesse processo de perdas e ganhos, os mecanismos cognitivos da metáfora e da metonímia (HEINE *et al.*, 1991). Enquanto a inferenciação metafórica permite a transferência conceitual de um domínio para outro por analogização, a metonímia resulta da contiguidade de conceitos disponíveis no contexto linguístico, propiciada por reanálise estrutural.

⁸ Disponível em <http://corpus.rae.es/cordenet.html>. Acesso em 29 jan.2019.

Aplicados à mudança linguística de *[tener que + V-inf]*, tais pressupostos fundamentam a comprovação de que, em um contexto específico de mudança, a construção perde traços semânticos concretos e ganha traços mais abstratos. Nessa trajetória, o *bleaching* (ou desbotamento) atua como mecanismo que propicia, também, o ganho de funcionalidade da construção, já que ela se generaliza a contextos nos quais passa a atuar como marcador de função gramatical, aumentando, assim, sua produtividade. Em (2), exemplificamos o contexto crítico que propicia a mudança de *[tener que]* de pleno a auxiliar.

(2) *[muy poco tiene] que agradezerte > muy poco [tiene que agradezerte]*

Na reanálise da construção de posse com *[tener]* para a construção auxiliar modal *[tener que + V-inf]*, contextos de ambiguidade, como mostrado em (2), induzem o usuário da língua a uma ressignificação da construção, em favor do valor modal, mediada por processos metafóricos e metonímicos. Entendendo que a noção de *ter um objeto sob o domínio* é parte do sentido concreto do verbo pleno *tener*, o usuário da língua metaforicamente infere que, se um participante de um Estado de Coisas tem o domínio sobre algo ao qual se aplica uma finalidade, a necessidade/obrigação de realização do evento é de sua responsabilidade. A partir de inferenciação metonímica, o raciocínio é o de que, se o participante do Estado de Coisas tem algo para realizar no futuro, essa é uma pendência que precisa ser cumprida. Assim, o aumento de frequência da sequência ambígua em (2) leva à semanticização da inferência de obrigação/necessidade, que tem como origem a ideia de pendência para o futuro codificada pela oração relativa.

Outro princípio geral da gramaticalização é o de que é improvável que a mudança envolva perda súbita de significado, tanto que traços do significado lexical original podem aderir à forma gramaticalizada e impor sobre ela certas restrições, princípio denominado *Persistência* (HOPPER, 1991).

No que diz respeito ao processo de abstratização de formas gramaticalizadas do domínio da modalidade, pesquisas diacrônicas e de base tipológica revelam a tendência de valores epistêmicos emergirem de valores não-epistêmicos (BYBEE, 1985; SWEETSER, 1990; BYBEE *et al.*, 1994; DALL'AGLIO-HATTNER *et al.*, 2001; OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013). Segundo Dall'Aglio-Hattner *et al.* (2001), enquanto na modalidade deontica as ações de um agente são controladas por forças externas (sociais, éticas, morais, estéticas etc.), na modalidade epistêmica,

proposições são controladas por forças internas ao mundo mental (conhecimento, raciocínio lógico, inferência, dedução etc.). Dada a fronteira entre esses dois domínios, ocorre uma transferência conceptual do domínio da força física (cuja imposição se dá no mundo real) para o domínio da força lógica (cuja imposição é entendida como necessidade/possibilidade de que algo seja verdadeiro no nível do raciocínio) (MIRANDA, 2005).

A esse ponto, convém definir a tipologia de modalidade aqui adotada. A partir da proposta de Hengeveld (2004), as modalidades se agrupam por dois critérios: (i) o domínio semântico da avaliação modal (sob qual perspectiva a avaliação é feita), que comporta as modalidades facultativa, deontica, epistêmica, volitiva e evidencial;⁹ e (ii) o alvo da avaliação modal (parte do enunciado modalizada), que pode ser o participante, o evento ou a proposição. Dessa tipologia proposta, interessam à análise dos casos de [*tener que + V-inf*] os tipos descritos no quadro 1, exemplificados nas ocorrências de (3) a (10).

- (3) João é **capaz de** nadar. (HENGEVELD, 2004, p. 1193, tradução própria)
- (4) Com a paralisação dos funcionários, os alunos não **podem** mais usar a biblioteca da escola. (BRUNELLI; GASPARINI-BASTOS, 2011, p. 63)
- (5) Você **tem que** me jurar que nunca, nunca, nunca, tentará isso! (ALMEIDA, 1988, p. 16)
- (6) **É proibido** pedir esmolas. (BRUNELLI; GASPARINI-BASTOS, 2011, p. 64)
- (7) João **pode** estar nadando. (HENGEVELD, 2004, p. 1193, tradução própria)
- (8) **Provavelmente** João está nadando. (DALL'AGLIO-HATTNER, 2009, p. 157)
- (9) Nós **queremos** sair. (HENGEVELD, 2004, p. 1194, tradução própria)
- (10) **É desejável** que todos compareçam à reunião. (BRUNELLI; GASPARINI-BASTOS, 2011, p. 64)

⁹ Nos trabalhos de Hengeveld e colaboradores, a evidencialidade (fonte da informação contida em uma proposição) tem sido tratada, mais recentemente, como uma categoria separada da modalidade (cf. HENGEVELD, 2011; HENGEVELD; DALL'AGLIO-HATTNER, 2015).

Quadro 1: Tipologia de modalidade relevante para a análise de *[tener que + V-inf]*

Alvo / Domínio	Orientada para o participante	Orientada para o evento	Orientada para a proposição
Facultativa ou Inerente (relacionada a capacidades e habilidades)	Expressa a habilidade de um participante engajado no evento designado pelo predicado (cf. (3))	Expressa as condições físicas ou circunstanciais que possibilitam a ocorrência de um evento. A realização do evento é condicionada pelas circunstâncias nas quais o evento ocorre (cf. (4)).	Não se aplica a esse tipo modal.
Deontica (relacionada à conduta; noções de obrigação, proibição e permissão)	Descreve a permissão ou a obrigação que recaem sobre um participante específico do evento (cf. (5)).	A fonte da avaliação modal repousa em regras de caráter geral. O enunciador não assume a responsabilidade pelo que enuncia. A imposição da ordem não recai sobre um participante específico (cf. (6)).	Não se aplica a esse tipo modal.
Epistêmica (relacionada ao conhecimento do enunciador)	Não se aplica a esse tipo modal.	Expressa a possibilidade ou a impossibilidade de ocorrência de um evento segundo o que o enunciador sabe sobre o mundo (cf. (7)).	Expressa o grau de comprometimento do sujeito-enunciador com relação à proposição que ele apresenta (cf. (8)).
Volitiva (relacionada ao que é desejável)	Indica o desejo do falante de se inserir no evento designado pelo predicado (cf. (9)).	Caracteriza um evento como desejável ou não, sem que o falante se comprometa com o conteúdo enunciado (cf. (10)).	Não se aplica a esse tipo modal. ¹⁰

Fonte: HENGEVELD (2004, p. 1193-1194, com adaptações).

No que diz respeito à modalidade facultativa, faz-se necessária uma ressalva, pois o conceito de *modalidade facultativa* assumido por Hengeveld (2004) faz referência apenas a casos em que são expressas noções de habilidade. Como *[tener que + V-inf]* não pode ser usada para codificar essas

¹⁰ Segundo Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), a manifestação da modalidade volitiva orientada para a proposição nas línguas naturais é algo questionável.

noções, utilizamos a denominação *modalidade inerente*, que já havia sido empregada por Hengeveld (1988) para incluir tanto casos de possibilidade inerente como de necessidade inerente.

2 Procedimentos metodológicos para a análise da perífrase *tener que*

Para o levantamento diacrônico de [*tener que + V-inf*], recorreremos a textos do século XIII ao XIX, compilados no CORDE (*Córpus Diacrónico del Español*), um *córpus* eletrônico com textos da língua espanhola, desde o século XIII até o século XX, de responsabilidade da *Real Academia Española* (s/d).

Dada a variedade de temas dos textos do *corpus*, selecionamos, para recolha dos dados, somente textos com temas em prosa (narrativa, histórica, jurídica, didática, científica, de sociedade, religiosa e dramática). O critério para a seleção dos temas foi a verificação de ao menos uma ocorrência de [*tener que + V-inf*] perifrástico nesses 8 temas em todos os séculos investigados.

Assim procedendo, constatamos que as primeiras ocorrências de [*tener que + V-inf*] com valor modal aparecem apenas por volta do ano 1350 (século XIV).¹¹ Para uma análise funcional representativa, passamos então a recolher, em textos dos séculos XIV ao XIX, as 50 primeiras ocorrências de [*tener que + V-inf*] conjugada em todas as pessoas e em todos os tempos e modos. A fim de garantir a representatividade da construção modal em todas as áreas temáticas, agrupamos o primeiro dado de prosa narrativa seguido do primeiro de prosa jurídica, de prosa didática etc.; o segundo dado de prosa narrativa seguido do segundo de prosa jurídica, didática etc., até alcançarmos o número total de 50 ocorrências para cada pessoa gramatical.

Dado o elevado número de ocorrências levantadas, analisamos somente os casos de [*tener que*] conjugados no presente do indicativo, em função de dois aspectos: (i) ser o tempo verbal mais frequente e (ii) associar-se a todos os tipos modais encontrados. Contabilizamos, ao final desses procedimentos, 928 ocorrências da perífrase em amostras do século XIV ao século XIX.

Com relação ao domínio semântico da avaliação modal, hipotetizamos, com base em Hengeveld (2004) e em Olbertz (2016), que [*tener que + V-inf*] expressaria as modalidades inerente, deontica, epistêmica e volitiva. No que se refere à frequência, supusemos que os valores não-

¹¹ Encontramos a sequência [*tener + que + infinitivo*] no século XIII, mas expressando posse, como em “[...] Duelo me destas yentes, que tres dias ha que son comigo, e non **tienen que comer** [...]” (1260, *Prosa Religiosa (El Nuevo Testamento según el manuscrito escurialense I-j-6)*, Anônimo) “[...] eu me compadeço destas pessoas que estão comigo há três dias e não têm o que comer [...]” (tradução própria).

epistêmicos, por serem mais concretos, seriam mais frequentes do que os epistêmicos. Com relação ao alvo da avaliação modal, hipotetizamos que a perífrase expressaria as modalidades inerente e deôntica, orientadas para o participante e para o evento, e a modalidade epistêmica, orientada para o evento, uma vez que verbos auxiliares comumente não tomam por escopo a proposição, entidade de ordem mais alta que o Estado de Coisas (HENGEVELD, 1988; HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Por fim, com relação à animacidade do sujeito, hipotetizamos, com base em Neves (2006), que sujeitos animados tenderiam a aparecer associados às modalidades inerente, deôntica e epistêmica, enquanto sujeitos inanimados apareceriam predominantemente associados à modalidade epistêmica.

Sobre a alteração semântica de *[tener que + V-inf]*, defendemos que a perífrase, em estágios iniciais de consolidação na língua, codifica somente significados não-epistêmicos e, à medida que avança no processo de mudança linguística, passa a instanciar, também, valores epistêmicos. Assim, analisamos a frequência de uso da perífrase, a fim de verificar a existência de padrões de associação entre valores modais e extensões contextuais que comprovassem a trajetória de abstratização da construção.

3 A construção modal *tener que* em sincronias pretéritas do espanhol peninsular

Como já mencionado, construções perifrásticas modais *[tener que + V-inf]* emergem somente no século XIV. Os dois casos encontrados nesse século codificam modalidade inerente orientada para o participante e apresentam, ambos, sujeitos com o traço [+humano]. A ocorrência (11) ilustra esse tipo modal.

- (11) quando la rreyna elena vio que tanta onrra le catauan dixo al rey señor pues los dioses son plazereros que yo oviese a ser presa **mucho** les **tengo que agradecer** por me echar en vuestro poder que se que sodes el mas noble delos rreys & bien se yo que entre mas noble gente ellos a mj non me podieran echar E por ende alegrarme he yo tanto commo la fortuna me dexare alegrar [...] (1350, *Prosa Histórica (Sumas de la historia troyana de Leomarte)*, Anônimo)
- [“[...] Se eu viesse a ser presa, **muito tenho que agradecer** a eles por me deixarem em seu poder [...]”] (tradução própria).

Em (11), o participante do Estado de Coisas (que também é fonte da avaliação modal) avalia a necessidade de ocorrência do evento *[ter que agradecer aos deuses]*. Nesse caso, um impulso gerado internamente pelo próprio participante motiva a realização do Estado de Coisas.

A ocorrência (11) serve, também, para ilustrar a ambiguidade entre uma leitura lexical (*tener* como posse) e uma leitura modal (*tener* como auxiliar). Apesar de o objeto *mucho* (*muito*) aparecer em posição marcada, o que facilita a interpretação modal de [*tener que*], a leitura de posse ainda é possível. Olbertz (2018) destaca que a ambiguidade entre uma leitura e outra persiste até o momento em que o verbo, inserido na construção, continua se associando a verbos infinitivos transitivos.

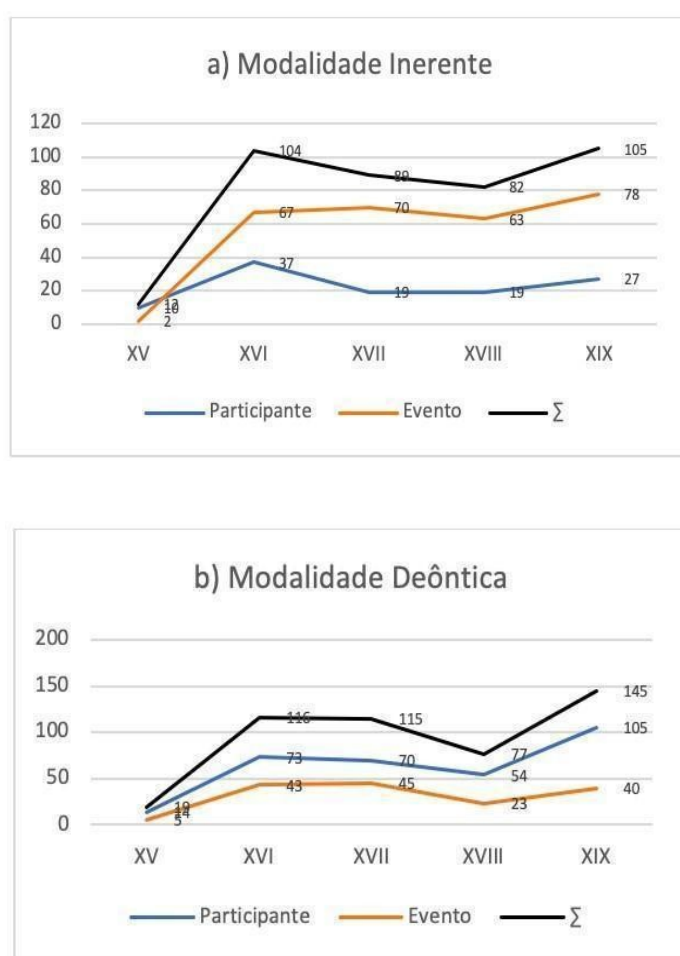
Ainda que a transitividade do verbo infinitivo associado a [*tener que*] seja um indício de que a construção se estabilizou como perífrase, a animacidade do sujeito também determina seu grau de gramaticalização. Olbertz (2018) afirma que [*tener que*] sofre processo de abstratização de verbo pleno a auxiliar quando a construção tem como sujeito uma entidade inanimada que não pode ser interpretada como um sujeito possuidor. Nesse sentido, embora a baixa ocorrência de dados no século XIV não nos permita chegar a conclusões categóricas acerca do comportamento da construção dentro do quadro da gramaticalização, o princípio da *persistência* (HOPPER, 1991) pode explicar a razão pela qual a perífrase se associa, inicialmente, somente a sujeitos com traço [+humano], os quais possibilitam uma leitura – ainda que fraca – de *tener* como expressão de posse.

Também não se pode perder de vista que a gramaticalização de modais envolve transferência conceptual do domínio deontico (força externa que age sobre um agente) para o epistêmico (força interna que age sobre proposições). É nesse sentido que as bases experienciais do domínio não-epistêmico são mais concretas que as do epistêmico.

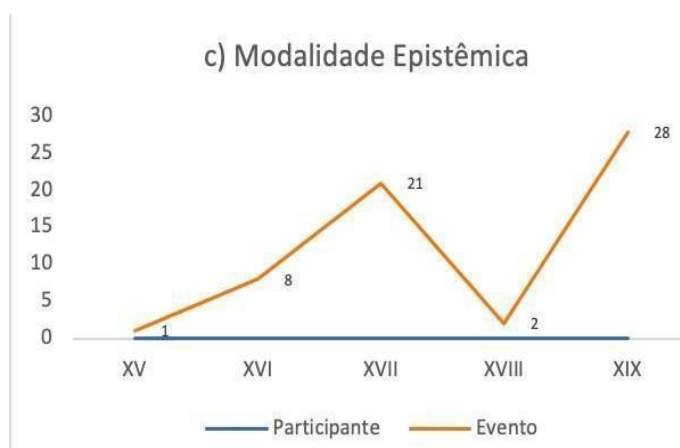
Em resumo, dois fatores parecem explicar a origem da perífrase como forma de expressão de significados não-epistêmicos. Em primeiro lugar, em razão da facilidade de conceptualização de significados modais mais concretos, a construção [*tener que*] serve, inicialmente, à expressão de bases experienciais mais próximas à experiência humana. Em segundo lugar, graças às restrições de significado da construção original, [*tener que*] ocorre, em seu estágio inicial de gramaticalização, associado a sujeitos que têm como referentes entidades mais concretas e, portanto, mais próximas à experiência humana. Considerando que as modalidades inerente e deontica têm seu aparecimento impulsionado pela associação da construção modal a sujeitos animados, justifica-se o fato de, na abstratização mais inicial, [*tener que*] expressar somente valores não-epistêmicos. Os gráficos na

Figura 1 ilustram a frequência¹² de *[tener que + V-inf]* em todas as sincronias, resultante do cruzamento do domínio semântico com o alvo da avaliação modal.

Figura 1: Frequência de uso de *[tener que + V-inf]* nas diferentes sincronias: relação entre domínio semântico e alvo da avaliação modal (em números absolutos).



¹² Para uma análise refinada da frequência de usos perifrásticos de *tener que* na história do espanhol peninsular, ver Nogueira (2019).



Fonte: Elaborada pelos autores.

Com relação ao domínio semântico, os dados do século XV, em comparação ao século XIV, revelam um aumento considerável de casos de ocorrências com leitura modal possível (32 ocorrências). Nessa sincronia, o maior número de casos de modalidade inerente e deôntica ($31/32=96,9\%$) em comparação à epistêmica ($1/32=3,1\%$) sinaliza que essa construção, de origem relativamente recente, tende a ser usada, em sincronias pretéritas, para expressar valores inerentes e deônticos em razão de serem estes mais básicos do que os valores epistêmicos.¹³ Embora não possamos explicar, com base nos dados dessa sincronia de que dispomos, em que medida os elementos linguísticos associados a *tener que* motivam a mudança semântica, os resultados nos permitem afirmar apenas que, em estágios iniciais de gramaticalização, *tener que* atua, preferencialmente, na expressão de significados inerentes e deônticos.

O único caso de modalidade epistêmica encontrado no século XV é um indicativo de que a construção inicia, nesse século, o processo de abstratização do significado modal. De fato, podemos notar que, do século XV ($1/32=3,1\%$) ao século XIX ($28/280=10\%$), cresce o uso do *type* epistêmico, como resultado do fortalecimento da inferência epistêmica associada ao aparecimento da construção em contextos que favorecem sua leitura modal mais abstrata.

Quanto ao alvo de avaliação modal, as ocorrências do século XV mostram que [*tener que*] codifica, predominantemente, as modalidades inerente e deôntica orientadas para o participante

¹³ Lembramos que, neste artigo, não diferenciamos modalidades inerentes e deônticas, optando por tratar os matizes modais de necessidade e obrigação dentro do rótulo mais amplo de *modalidade não-epistêmica*.

(24/32=75%), visto que a orientação para o participante constitui experiência mais básica à cognição humana.

Os dados do século XV apontam a possibilidade de realização de cinco diferentes tipos modais decorrentes do cruzamento de domínio semântico e alvo de avaliação.

a) Modalidade inerente orientada para o participante

- (12) [...] fuese al duque dyziendo: "Señor, vamos: que yo he tomado lo que quiero y cunplydo lo que vuestra merced me mandó, y con ésta en las manos no dudaré de salyr desta torre." El duque dyxo: "Tomó, cavallero, que eso no es tomar." "Señor," rrespondyó, "ya he tomado lo que **tengo que llevar**, que otra cosa no quiero por agora; que quando será tienpo yo tornaré y pedyré lo que avré menester." (1492, *Prosa Narrativa (La corónica de Adramón)*, Anônimo)

["[...] 'Senhor', respondeu, 'já peguei o que **tenho que levar**, eu não quero outra coisa no momento [...]" (tradução própria).

Em (12), [*tener que*] expressa que a necessidade de realização do Estado de Coisas [*tener que llevar*] é motivada por um impulso interno e imposta pelo participante a si próprio. Nesse caso, o falante julga o que é necessário a si mesmo.

b) Modalidade inerente orientada para o evento

- (13) Allí estuvo Oriana con algunos dolores fasta la noche [...] y a la media noche plugo al muy alto Señor, remediador de todos, que fue parida de un fijo [...] La Donzella de Denamarcha dixo a Mabilia:

- ¿Vistes lo que este niño tiene en el cuerpo?

- No -dixo ella-, que estoy ocupada, y tanto **tengo que hazer** en socorrer a él, y a su madre para que lo pariesse, que no miré a otra parte. (1482-1492, *Prosa Narrativa (Amadís de Gaula, libros I y II)*, Garci Rodríguez de Montalvo)

["[...] 'Não, disse ela, porque estou ocupada, e muito **tenho que fazer** em socorrer a ele e a sua mãe para que o parisse.[...]" (tradução própria).

Em (13), são as circunstâncias (a complicação do parto de Oriana) que forçam Mabilia (sua amiga) a ter que estar muito atenta a essa situação, ignorando o que acontecia à sua volta. A necessidade de ocorrência do Estado de Coisas (*tanto tengo que hazer en socorrer a él y a su madre*) é, dessa forma, condicionada por elementos circunstanciais do evento como um todo.

c) Modalidade deôntica orientada para o participante

- (14) [...] E dexáos destas esperanças vanas de socorro de françeses, porque cansados llegarían por çierto los de París a socorrer a los de Burgos; ni menos de los portugueses que llamáys, porque asaz **tiene que fazer** el rey de Portogal en socorrer a sí e a las estremas neçesidades en que está puesto, las quales son tan grandes, que le facen estimar muy pequeña ésta que vosotros tenéys por grande [...] (1480-1484, *Prosa Histórica (Crónica de los Reyes Católicos)*, Hernando del Pulgar)

[“[...] porque muito **tem que fazer** o rei de Portugal em socorrer a si e às extremas necessidades em que está posto [...]”] (tradução própria).

Em (14), a fonte da avaliação (a sociedade) é externa ao alvo da avaliação, um participante de terceira pessoa do singular (*Rey de Portogal*). Nesse caso, a sociedade obriga o rei a realizar as funções que sua posição exige.

d) Modalidade deôntica orientada para o evento

- (15) En este estado de pobreza [de Jesus Cristo] fueron los apóstoles [...] & otros muchos que assi desanpararon el mundo & escogieron pobreza, ca los unos se apartaron de las faziendas del mundo por se dar mas libres a Dios & a la oraçion [...] ca quien la palabra de Dios a de pedricar asaz **tiene que fazer** si cuidado a de las almas salvar [...] (1500, *Prosa Religiosa (Libro de las confesiones)*, Martin Pérez)

[“[...] porque quem prega a palavra de Deus muito **tem que fazer** se precisa salvar as almas [...]”] (tradução própria).

Em (15), a fonte da avaliação modal é externa ao participante em questão e consiste em uma regra geral, imposta dentro do contexto religioso, que não recai sobre um participante específico, mas sobre qualquer pessoa que queira assumir a função de pregar a palavra de Deus.

e) Modalidade epistêmica orientada para o evento

- (16) Considera aqui o anima christiana que dolor fue aquel tan grande que ovieron los sus muy amados discipulos quando convinio que se partiesen del su maestro dulcisimo [...] Como padre sanctissimo fuyen los tus fijos de ti. Do yremos señor sin ti. O que escuro partimiento & angustiado es este bien puede dolerse con razon el alma que se parte de dios & bien **tiene que llorar** quando vee que lo ha llagado con sus ofensiones [...] (1493, *Prosa Religiosa (Livro chamado Infancia Salvatoris)*, Anônimo)

[“ [...] Pode sofrer, com razão, a alma que se parte de Deus e é **bem possível que chore** quando vê que o feriu com suas ofensas [...]”] (tradução própria).

Em (16), o falante expressa que o esperado, segundo o que é conhecido sobre o mundo, é que uma pessoa chore por estar distante de Deus e por tê-lo ferido com ofensas. Nesse caso, considerando que o verbo *llorar* (*chorar*) muito dificilmente possibilite o controle do participante sobre a realização do Estado de Coisas, as leituras não-epistêmicas são menos aceitáveis do que a leitura epistêmica.

Como podemos notar, as ocorrências de [*tener que*] do século XV expressam, além de valores modais, também valor de posse, ambiguidade explicada tanto pela gradualidade da mudança quanto pela retenção de traços semânticos da forma original na forma gramaticalizada (*Princípio da Persistência*). Ainda sobre o *status* perifrástico de [*tener que*], Olbertz (2018) afirma que a ambiguidade entre uma leitura léxica e uma leitura modal persiste até o momento em que a construção [*tener que*] passa a se associar a infinitivos intransitivos. Embora nos dados analisados pela autora a perda de restrições de significado originais se evidencie somente a partir do século XVIII, nossos dados apontam que, a partir do século XVI, [*tener que*] passa a se associar com mais frequência a tipos de verbos que restringem o significado de posse de *tener*, como mostra a ocorrência (17), extraída do conjunto de dados do século XVII.

(17) Dispóngase luego el traeros la ropa, que aunque aquí no os hará falta, pero basta ser vuestra. No **tenéis que salir** para ello, que mis criados, con una señal, la cobrarán y pagarán lo que se deviere [...] (1651, *Prosa Didáctica (El Criticón. Primera parte. En la primavera de la niñez, y en el estio de la ivventvd)*, Baltasar Gracián)

[“[...] ‘Você **não tem que sair** para isso [buscar a roupa], porque meus criados a cobrarão e pagarão o que for necessário’ [...]”] (tradução própria).

Em (17), o contexto do evento como um todo nos leva a descrever esse caso como um dado segundo o qual a fonte da avaliação modal repousa nas circunstâncias que impulsionam a necessidade de que o Estado de Coisas aconteça. Nessa ocorrência, a existência de criados que podem buscar a roupa do participante do evento o isenta da necessidade de que ele o faça por conta própria. Como se pode notar, o *status* perifrástico de [*tener que*] é inquestionável, pois sua associação a um verbo intransitivo (*salir*) impossibilita a leitura léxica de posse.

Retomando a Figura 1 no que se refere à possibilidade de expressão de significados modais, observamos que do século XVI até o século XIX crescem expressivamente os *tokens* de [*tener que*],

tanto para a expressão das modalidades inerente e deôntica (833/894=93,2%), como para a expressão da modalidade epistêmica (59/894=6,6%). Tais resultados revelam como os valores modais da perífrase, que se instanciavam timidamente até o final do século XIV, cresceram em frequência de uso.¹⁴

A esse respeito, para que *[tener que]* ganhasse cada vez mais espaço no terreno da modalidade, dois aspectos tiveram papel fundamental no processo de generalização da construção: (i) a inserção da perífrase em ambientes de associação a objetos indefinidos em posição não-prototípica, os quais, ao fortalecerem a inferência de leitura perifrástica (cf. (2)), propiciaram a atuação do processo de *bleaching* semântico e, conseqüentemente, a convencionalização do *status* de perífrase de *[tener que + V-inf]*; a construção gradativamente perde as restrições impostas pelo significado original de posse de *tener* e passa a se associar a verbos principais intransitivos e a verbos de ligação, que possibilitam somente uma leitura perifrástica da construção (cf. (17), por exemplo) (YLLERA, 1980; BLAS DE ARROYO; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2014; OLBERTZ, 2018); e (ii) a associação da perífrase a elementos favorecedores de sua abstratização, isto é, a elementos impulsionadores do aparecimento e do aumento gradativo do número de *tokens* de modalidade epistêmica, o que reflete conseqüentemente no aumento da frequência *token* geral da construção.

Ainda que, em termos gerais, os dados de *[tener que]* dos séculos XVI a XIX tenham apontado para a estabilização da perífrase modal no sistema, ela apresenta, no século XVIII, comportamento distinto do observado nas sincronias pretéritas. Até o século XVII, *[tener que]* aumenta gradativamente o *type* epistêmico, valor modal mais abstrato alcançado pela atuação de processos metafóricos e metonímicos que induzem à reinterpretação de valores não-epistêmicos, mais básicos, da perífrase.

No século XVIII, no entanto, a frequência *token* da perífrase sofre um decréscimo, muito provavelmente em razão de particularidades do CORDE. Dessa forma, não é surpreendente que a diminuição na quantidade de dados no século XVIII (161=100%) tenha refletido na diminuição não só no número de *tokens* não-epistêmicos, como também na frequência de *tokens* epistêmicos. Apesar desse declínio, no século XIX, os *tokens* de *[tener que]* voltam a ocorrer de maneira mais recorrente (280=100%) em função do crescimento no número do *type* epistêmico e da generalização da construção, que passa a servir também a um novo *type* modal: modalidade volitiva. Impulsionado

¹⁴ Estudos mais recentes (OLBERTZ, 2016) apontam que a construção *[tener que]* pode servir, também, à expressão da modalidade volitiva, tipo encontrado em nossos dados somente no século XIX (2/280=0,7%).

pelo entorno discursivo favorecedor da expressão do valor epistêmico, o aumento da preferência por essa leitura modal estimula a convencionalização do valor modal mais abstrato de *[tener que]* e comprova que a construção passou por um processo gradual de abstratização de significado.

Em síntese, no que se refere ao domínio semântico de *[tener que]* dos séculos XVI ao XIX, a perífrase expressa, em frequência de uso mais elevada, as modalidades deôntica ($453/894=50,7\%$) e inerente ($380/894=42,5\%$), tipos modais sempre mais frequentes do que a modalidade epistêmica ($59/894=6,6\%$). Apesar de os casos de modalidades não-epistêmicas aparecerem, ao longo de toda a história do espanhol peninsular, em frequência significativamente mais alta do que os casos de modalidade epistêmica, observamos certa estabilidade semântica das perífrases, a partir do século XVI, na expressão de valores inerente e deôntico, tipos modais mais concretos e que, portanto, se estabilizam primeiro, ao passo que a modalidade epistêmica, de valor mais abstrato, experimenta um padrão de frequência quase sempre ascendente, com declínio somente no século XVIII, em razão das particularidades do *corpus*, como já apontamos.

Muito embora o número de casos epistêmicos seja menor do que o de não-epistêmicos – o que é esperado se considerarmos a trajetória universal *inerente/deôntico > epistêmico* – o aumento gradativo da frequência *token* de *[tener que]* epistêmico confirma a abstratização da perífrase e mostra que esse tipo modal ganhou terreno dentro da categoria da modalidade a partir do século XVII.

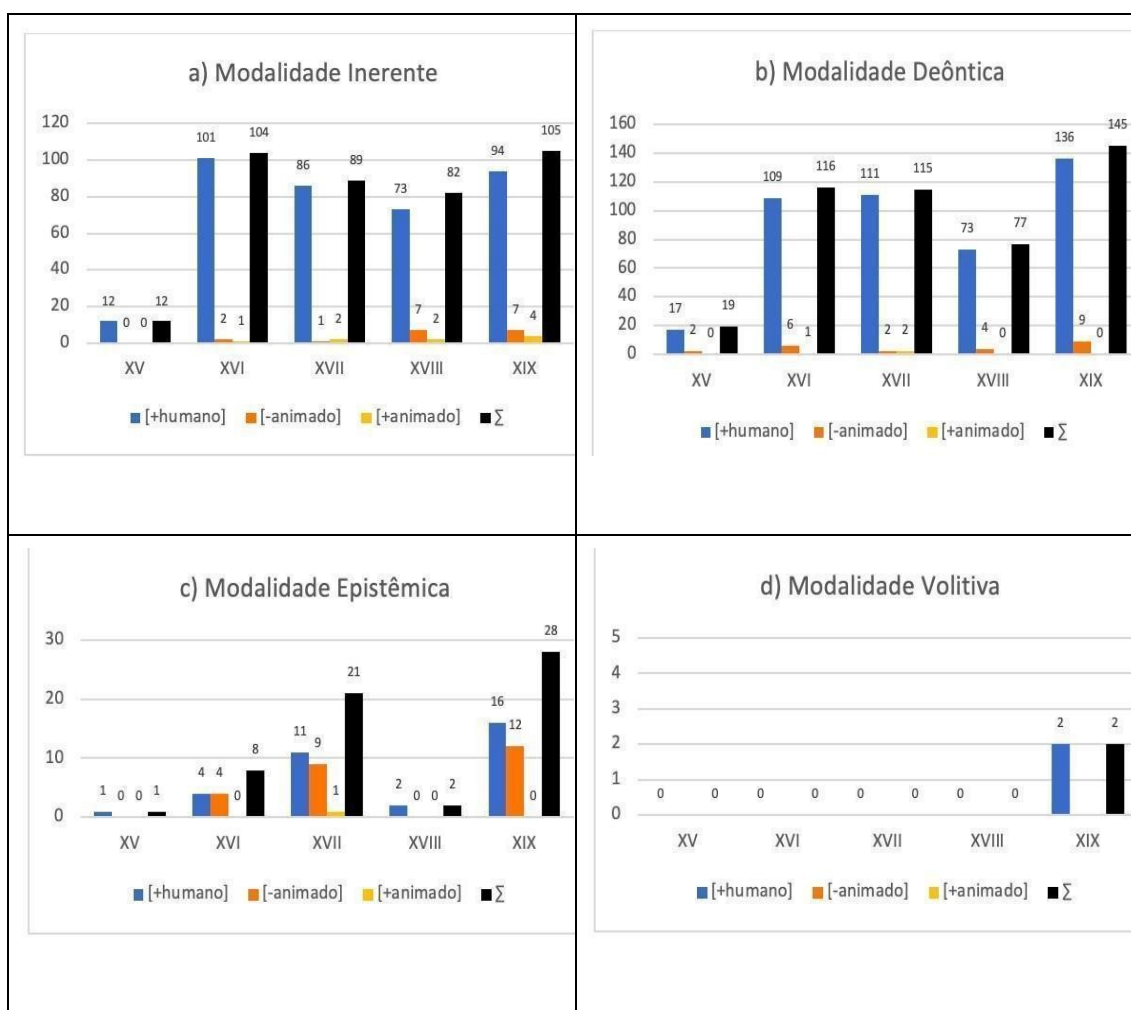
Quanto ao parâmetro alvo de avaliação modal, diferentemente do que ocorre no século XV, que apresenta a modalidade orientada para o participante como a mais frequente nos dados, do século XVI ao século XIX, casos de orientação para o evento ($488/894=54,6\%$) se sobrepõem aos de orientação para o participante ($406/894=45,4\%$).

Para que o evento tenha se tornado o alvo de avaliação mais recorrente desde o século XVI, dois aspectos parecem ter influenciado esse resultado: (i) o aumento de *tokens* epistêmicos, que exerce influência direta no aumento da frequência de *[tener que]* orientada para o evento (considerando-se que os casos de modalidade epistêmica expressos por *tener que* só podem ser orientados para o evento); (ii) o aumento do número de sujeitos de referência genérica associados à modalidade deôntica, tipo modal que, quando aliado a esse tipo de sujeito, só pode receber orientação para o evento.¹⁵

¹⁵ Ainda que tenhamos analisado se os sujeitos associados à construção *[tener que]* eram de referência específica ou genérica, esse parâmetro de análise se mostrou pouco significativo para a investigação do processo de mudança semântica da perífrase.

Com relação à animacidade do sujeito, os quatro gráficos da Figura 2 ilustram a distribuição de frequência das ocorrências de *[tener que]*, nas diferentes sincronias, associada a esse fator de análise.

Figura 2: Frequência de uso da construção *[tener que + V-inf]* nas diferentes sincronias: relação entre domínio semântico da avaliação modal e animacidade do sujeito (em números absolutos).



Fonte: Elaborada pelos autores.

Com relação à comparação entre a frequência de sujeitos [+humano] (30/32=93,8%) e [-animado] (2/32=6,2%) no século XV, os dados mostram que, por ser mais próximo à experiência humana e à própria constituição do indivíduo, o traço [+humano] aparece em número maior na história de gramaticalização da perífrase *[tener que]*, se comparado ao traço [-animado], considerado mais abstrato.

No cruzamento entre o tipo modal e a animacidade do sujeito, os dados apontam que os casos de modalidade inerente e deôntica tendem a aparecer, com mais frequência, associados a sujeitos do tipo [+humano] e têm pouca representatividade entre sujeitos do tipo [-animado].

Quanto à modalidade epistêmica, embora seja plenamente justificável a associação da única ocorrência epistêmica encontrada a um sujeito do tipo [+humano],¹⁶ considerando o caráter mais concreto da perífrase nesta fase de seu desenvolvimento, a inexpressividade desse valor modal, nesse século, não nos permite chegar a conclusões mais precisas no que se refere à relação entre esse tipo de modalidade e a animacidade.

Os gráficos da Figura 2 revelam que, do século XVI ao XIX, os sujeitos [+humano] continuam sendo mais recorrentes nos dados (818/894=91,5%), seguidos dos sujeitos [-animado] (63/894=7%) e, por fim, dos sujeitos [+animado] (13/894=1,5%). Na verdade, os casos de sujeito [+humano] serão sempre mais frequentes do que os [-animado], muito provavelmente em razão dos seguintes fatores: (i) o traço semântico [+humano] é mais básico à experiência humana e, conseqüentemente, mais antigo do que o traço semântico [-animado]; (ii) as modalidades epistêmicas tendem a se associar tanto a sujeitos humanos quanto a sujeitos inanimados, o que significa que uma boa parcela dos valores mais abstratos da perífrase ainda se associará, mesmo em sincronias mais recentes, a sujeitos do tipo [+humano].

Casos de sujeitos inanimados associados às modalidades inerente e deôntica são pouco frequentes, se consideramos que tais valores modais geralmente pressupõem a presença de um sujeito que aceita a imposição de regras de conduta e que é capaz de realizá-las. Desse modo, postulamos a tendência de associação de sujeitos inanimados à modalidade epistêmica, visto que tal tipo modal não envolve a noção de imposição de regras sobre participantes do Estado de Coisas. Assim, a categoria [-animado] favorece interpretações epistêmicas e inibe as não-epistêmicas de *[tener que]*, constituindo fator que impulsiona a mudança semântica da perífrase modal.

Ainda com relação à associação entre o domínio semântico e a animacidade do sujeito, os resultados do século XVI ao XIX comprovam a tendência de sujeitos [+humano] se correlacionarem

¹⁶ A ocorrência da modalidade epistêmica associada a sujeito [+humano] é apresentada em (16), único dado representativo da modalidade epistêmica no século XV. Nesse caso em específico, o sujeito *alma*, embora não faça referência a um indivíduo tipicamente humano, diz respeito a uma propriedade que se associa somente a sujeitos com esse traço semântico.

mais a interpretações modais inerentes (354/380=93,1%) e deônticas (429/453=94,7%) do que a epistêmicas (33/59=55,9%).

A baixa frequência de *tokens* inerentes (17/380=4,5%) e deônticos (21/453=4,6%) com sujeitos inanimados, em contraposição à frequência proporcionalmente mais alta de casos epistêmicos associados a sujeitos com esse mesmo traço semântico (25/59=42,4%), indica que os casos de [*tener que*] relacionados a sujeitos inanimados impulsionam o aparecimento da modalidade epistêmica e, portanto, do processo de abstratização da perífrase. Assim, se consideramos o traço semântico [-animado] como mais abstrato, os dados epistêmicos de sincronias pretéritas comprovam o avanço do processo de mudança semântica de [*tener que*], construção que perde restrições de significado e se associa a tipos de sujeito que inibem a leitura não-epistêmica (e favorecem a leitura epistêmica).

A ocorrência (18) ilustra a tendência de associação da modalidade deôntica a sujeitos [+humano]. As ocorrências (19) e (20), por sua vez, representam a modalidade epistêmica associada a sujeito [-animado], impulsionador de sua ocorrência.

(18) [...] Veis aquí lo tocante a vuestras letras jeroglíficas. Ahora no resta sino que acuda el señor Licenciado a dar otro trato de sabio a la materia de los sentidos del hombre [...] Filótimo.- De mí **no tenéis que esperar** más que de un ciego para ver y mudo para hablar, porque ya sabéis que ha de ir la doctrina por la vía de Aristóteles [...] (1589, *Prosa Religiosa (Diálogos familiares de la agricultura Cristiana)*, Juan de Pineda)

[“[...] De mim vocês não **devem esperar** mais do que devem esperar de um cego para ver e de um mudo para falar [...]”] (tradução própria).

(19) Esta gente es de la misma calidad y costumbres de los otros hallados [sic] [...] Dice también * que [...] **tiene que ser** aquella tierra firme * y que estaba ante Zaitón y Quisay, * ciertas ciudades o provincias de la tierra firme * [...] Con esta opinión que tenía de que aquella era tierra firme [...] (1527-1561, *Prosa Histórica (Historia de las Indias)*, Fray Bartolomé de las Casas)

[“ [...] Diz também que [...] aquela terra **tem que ser** firme e que estava diante de Zaitón e Quisay [...]”] (tradução própria).

(20) [...] ¿Qué es el martirio?... El valor de la muerte. ¿Qué es el suicidio? Miedo á la vida. El primero es el espíritu esforzado que se adelanta á los peligros y desafía los tormentos. El segundo es el corazón cobarde que huye de las tribulaciones de la vida. Ahora bien: si el martirio es el valor supremo, el suicidio **tiene que ser** la suprema cobardía. [...] (1879, *Prosa Didáctica (Hechos y dichos)*, José Selgas y Carrasco)

[“[...] Agora veja: se o martírio é o valor supremo, o suicídio **deve ser** a suprema covardia [...]”] (tradução própria).

Considerando que os valores não-epistêmicos geralmente pressupõem a presença de um sujeito capaz de aceitar uma norma, a associação de [*tener que*] a sujeito inanimado, mais distante da experiência humana básica (cf. (19) e (20)), leva à preferência pela leitura epistêmica da construção.

Considerações Finais

No presente trabalho, analisamos a evolução da perífrase [*tener que*] no espanhol peninsular, mostrando que ela surge no século XIV, com frequência pouco significativa, expressando apenas significados não-epistêmicos.

A partir do século XV, a construção passa a expressar também modalidade epistêmica associada a sujeito [+humano]. Contudo, do século XV ao XVI, a construção se generaliza a um número mais amplo de contextos favorecedores da interpretação epistêmica, casos em que a animacidade do sujeito da construção é um fator que se mostra extremamente relevante. A esse respeito, assumimos que sujeitos inanimados constituem contextos propícios para a sedimentação do valor epistêmico da perífrase, o que se confirma nos resultados da análise diacrônica: de maneira geral, a baixa frequência de *tokens* não-epistêmicos associados a sujeitos inanimados – em contraposição à frequência proporcionalmente alta de casos epistêmicos associados a sujeitos com esse mesmo traço semântico – indica que os casos de [*tener que*] relacionados a sujeitos inanimados são favorecedores da expressão da modalidade epistêmica e, portanto, impulsionadores da abstratização semântica da construção.

Em resumo, em uma perspectiva abrangente, ainda que [*tener que*] tenha dado indícios de *bleaching*/desbotamento semântico já no século XV, a construção avança ainda mais no processo de abstratização, em razão do fortalecimento gradativo da inferência de modalidade epistêmica, possibilitada pelo entorno discursivo associado à perífrase.

Referências

ALMEIDA, J. A categoria da modalidade. **Uniletras**. v. 10, p. 10-24, 1988.

BLAS DE ARROYO, J.; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, J. ¿Qué *tengo que*/ *de hazer*?: variación y cambio lingüístico en el seno de las perífrasis de infinitivo de textos escritos de imprenta oral en el español clásico. **Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics**, Amsterdam, v.7, n. 2, p. 241-274, 2014.

BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. O comportamento do verbo modal *poder* no discurso de autoajuda: uma investigação no português e no espanhol. **Estudos Linguísticos**, v. 1, n. 1, p. 60-70, 2011.

BYBEE, J. **Morphology: a Study of the Relation between Meaning and Form**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *et al.* **The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1994.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Entre o poder e o dever: fatores intervenientes na expressão da modalidade nos discursos de posse presidencial. **Gragoatá** (UFF), v. 25, p. 155-168, 2009.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *et al.* Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. *In*: NEVES, M. H. M. (org.). **Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001. p. 103-143.

GISBORNE, N.; PATTEN, A. Construction grammar and grammaticalization. *In*: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.) **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 93-104.

HEINE, B. *et al.* **Grammaticalization: a Conceptual Framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K. Illocution, Mood and Modality in a Functional Grammar of Spanish. **Journal of Semantics**, [S.1], v. 6, n. 1, p. 227-269, 1988.

HENGEVELD, K. Illocution, Mood and Modality. *In*: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (ed.) **Morphology: an International Handbook on Inflection and Word-Formation**. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1201.

HENGEVELD, K. The grammaticalization of tense and aspect. *In*: HEINE, B.; NARROG, H. (eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 580-594.

HENGEVELD, K.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Four Types of Evidentiality in the Native Languages of Brazil. **Linguistics: an Interdisciplinary Journal of the Language Sciences**, v. 53, n. 1, p. 479-524, 2015.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. **Functional Discourse Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. Emergent Grammar. **Berkeley Linguistics Society**, n. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (org.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-36.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2.ed. Cambridge: Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MIRANDA, N. S. Modalidade: o gerenciamento da interação. *In*: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (org.). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2005. p. 171-195.

NEVES, M. H. M. Imprimir marcas no enunciado. Ou: a modalização na linguagem. *In*: NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 152-221.

NOGUEIRA, A. L. F. Uma investigação funcional da construção *tener que* no espanhol falado peninsular. Relatório de Estágio de Iniciação Científica apresentado à FAPESP (Processo 2014/08093-0). 2015. 51 p.

NOGUEIRA, A. L. F. **Uma investigação diacrônica da construção modal *tener que* no espanhol peninsular sob perspectiva da gramaticalização**. 2019. 194f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019.

OLBERTZ, H. Periphrastic Expressions of Non-epistemic Modal Necessity in Spanish – a Semantic Description. *In*: GARACHANA, M.; MONTSERRAT, S.; PUSCH, C. (ed.). **From Composite Predicates to Verbal Periphrases in Romance languages** (IVITRA Research in Linguistics and Literature). Amsterdam: John Benjamins, 2016. p. 1-25.

OLBERTZ, H. The Diachrony of *Tener que* and Other Possession-based Modal Periphrases in Spanish. *In*: ROCHA, N. A.; RODRIGUES, A. T. C.; CAVALARI, S. M. S. (ed.). **Novas práticas em pesquisa sobre a linguagem: rompendo fronteiras**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2018. p. 13-36. Disponível em:
<http://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/serie-trilhas-linguisticas-n30---e-book.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

OLBERTZ, H.; GASPARINI-BASTOS, S. D. Objective and Subjective Deontic Modal Necessity in FDG – Evidence from Spanish Auxiliary Expressions. *In*: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (ed.). **Casebook in Functional Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 277-300.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Banco de datos (CORDE) [en línea]. **Corpus diacrónico del español**. [s.d.] Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 03 out. 2019.

SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

YLLERA, A. **Sintaxis histórica del verbo español: Las perífrasis medievales**. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1980.